

GO HOME, BEANS!

(Especial para o "Correio do Povo")

21-8-59

GUSTAVO CORÇÃO

Acabo de ler a notícia — cem mil sacas de feijão serão importadas dos Estados Unidos pela COFAP e chegarão aos portos de Rio e Santos dentro de vinte dias e tempo de neutralizar a falta nessas duas praças — esfrego os olhos, torno a ler e não encontro sequer a frase com que devo começar esta crônica, ou melhor este grito de hoje. Ah! Ah! Ah! Eles ainda falam em neutralizar. Neutralizar o que? Até ontem, e durante longo tempo, como o leitor assíduo e paciente poderá testemunhar, resisti à onda do nacionalismo. Fiz conferências, escrevi opusculos, disse o que pensava dos estudantes verdadeiros e falsos, e o que pensava dos que têm medo de estudantes falsos ou verdadeiros. Ora, hoje venho dizer que achei um nacionalismo para mim. Já não observou, leitor, que cada grupo nacionalista explica o seu nacionalismo, diz no que consiste e principalmente no que não consiste. Pois eu, de hoje em diante, declaro-me nacionalista de um particularíssimo nacionalismo: o do feijão. Nisso eu sou como o Damaso Salsede em questões de honra, sou uma fera. Ora vejam vocês o ponto a que chegaram os trustes americanos. De longe, por artes de algum raio ou de algum satélite, fizeram mirrar os brotos de nossos feijoais só para nós sermos obrigados a comer seus "beans"!

E' demais. Até ontem eu os defendi. Mas isto é demais. E não venha ninguém me dizer o que eu mesmo dizia até ontem aos outros nacionalistas: que a culpa é nossa e mais especialmente de nosso governo. Não pode ser. Há um princípio de bom senso que diz que quem pode o mais pode o menos. Ora, o Brasil, como ninguém ignora está fabricando automóveis, logo devia estar colhendo em abundância um cereal que sempre foi de fácil cultivo em nossas terras. Quem pode o mais pode o menos. Ora, o Brasil, como é público e notório, constrói cidades e lagos artificiais; lo-

go devia ter seus celeiros transbordantes do mais brasileiro dos grãos, porque, vamos e venhamos, é mais fácil plantar uns pés de feijão do que fazer um lago artificial e uma artificialíssima Capital. Quem pode o mais pode o menos. Ora o Brasil quer ser independente no petróleo, na energia elétrica e atômica. Pela tal regra do bom senso devia querer primeiro ser independente no feijão. E o caso é tão estridente, o absurdo é tão clamoroso, que só podemos explicá-lo pelo entreguismo de nosso feijão a Wall Street. Se a culpa fosse do governo não somente a oposição, mas o país inteiro se uniria num grito de protesto. Todos, inclusive os estômagos delicados, reclamariam a feijoada patriciã, e proclamariam que a nossa vagem é intocável, em grau de intocabilidade ainda mais alto do que o da Petrobrás. Não pode ser culpa do governo, porque não ouço aqui em Laranjeiras o clamor que devia atroar por toda a cidade, nem ouço falar de passeata de estudantes, ou de xadrez jogado diante das estivas de Rio e de Santos para não deixar passar, a não ser por cima de seus estudantis cadáveres, o feijão maldito dos ianques. Mas também, sem ser culpa nossa e do governo que aí temos, não se explica o silêncio. Quem? Quem entre as hierarquias dos anjos — como dizia Rilke — me explicará este caso do feijão?